

Mercado já negocia dívidas do 3º Mundo

NOVA YORK — "Atenção: acaso o (a) senhor (a) possui um título da dívida brasileira que deseja vender com bom desconto ou trocar por outro do débito venezuelano? Talvez o (a) amigo (a) tenha chegado à conclusão de que títulos do considerável débito mexicano sejam mais interessantes do que aqueles que possuem do Equador?" Tal anúncio não é fantástico. Ele representa um sinal incontestável de que as dívidas de países em desenvolvimento vieram para ficar, pelo menos por algum tempo.

Para comprovar esse fato, um ativo mercado secundário está se expandindo rapidamente: empresas estão sendo criadas para intermediar compras, vendas e negociações de títulos de dívidas externas. Uma dessas novas empresas calculou o potencial do mercado em 2/3 bilhões de dólares em 1984.

Essa empresa foi formada pela fusão da European Interamerican Finance Corp. (Eurinam), de Nova York, com a Singer and Friedlander Ltd. (Sandf), um banco mercantil de Londres. Seu objetivo principal é manipular o débito de países que renegociaram ou se encontram em processo de refinanciamento de suas dívidas externas.

Nessa categoria estão o Brasil, a Venezuela, o México, a Turquia e alguns países do bloco oriental. "Não

se trata — disse o presidente da Eurinam, Martin Schubert — de adquirir os débitos por nossa própria conta. A empresa atuará como intermediária no fechamento do negócio", providenciando a documentação necessária.

E acrescentou: "Não seremos nós quem irá estabelecer os preços de avaliação da dívida de um determinado país: os compradores e vendedores farão essa parte e nós traduziremos a operação em termos de negócio". A avaliação dependerá da natureza do débito que, naturalmente, variará de um país para outro.

A empresa intermediária não irá operar numa base de taxas. Seu lucro principal provirá de uma margem estabelecida entre o preço de compra e venda. Schubert não é novo no negócio: há mais de um ano ele vem operando nesse campo, que rendeu cerca de US\$ 150 milhões em 1983, tendo por parceira a inglesa Sandf.

Mas, quem quer comprar dívidas do Terceiro Mundo? Segundo Schubert, há muita gente interessada. Um determinado banco, por exemplo, que tenha emprestado muito dinheiro para o Brasil e pouco para o México, e se interesse em equilibrar o risco, tentará encontrar um outro que se encontre na situação inversa (pouco para o Brasil, muito para o México).